

* Professor do
Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculos
(área de Filologia e
Língua Portuguesa) da
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências
Humanas da USP.

Correspondência:
Address:
Rua Delfina, 145, ap.
52 - Vila Madalena –
CEP: 05443-010 - São
Paulo (SP)
E-mail:
goncor@terra.com.br

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: breve nota sobre a relação entre o verbal e o não verbal¹

**PRACTICES OF READING AND WRITING:
a brief note on the relationship
between the verbal and the non-verbal**

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa*

Resumo

Tomando como objeto de observação legendas produzidas no campo do Fotojornalismo, o presente trabalho aborda a relação entre o verbal e o não verbal do ponto de vista das práticas de leitura e produção do texto. Das reflexões feitas, além do questionamento da autonomia do verbal em relação ao não verbal (e vice-versa) no fotojornalismo, destacam-se as que se referem às noções de leitura e de produção do texto, as atinentes às figuras de autor (e de autoria) e de leitor previsto, bem como as que buscam dar um lugar para os efeitos de literalidade, de redundância e de regra de gênero discursivo na produção e na leitura do texto.

Abstract

Using subtitles produced in the field of Photojournalism, this study addresses the relationship between the verbal and non-verbal, from a perspective of reading and text production practices. Of the different reflections offered, besides the issue of autonomy of the verbal in relation to the non-verbal (and vice-versa) in photojournalism, those that stand out relate to notions of reading and text production, those concerning the figure of the author (and authorship) and the target reader, as well as those that seek to accommodate the effects of literal interpretation, redundancy and the rule of discursive genre in the production and reading of the text.

Artigo recebido em:
11/05/2006
Aprovado em:
22/06/2006

Palavras-chave

Leitura; linguagem verbal/não-verbal; fotojornalismo.

Keywords

Reading; Verbal /non-verbal language; Photojournalism.

Atribuição de sentidos ao texto: leitura e produção

Em que consistiria o puramente verbal? E o puramente não verbal? Saussure, em sua tentativa de dar um lugar para a Lingüística no campo da Psicologia Social e, em uma segunda instância, no seio da Semiologia, opõe língua (entenda-se: um sistema de signos lingüísticos) a outros *sistemas semióticos*. Essa distinção³ prosperou na Lingüística até quando se passou a atentar para o funcionamento pragmático da linguagem verbal, momento em que a consideração das circunstâncias de uso da língua, que não se atêm ao lingüístico *stricto sensu*, se torna parte do sentido dos enunciados, imputando-lhes uma força que só o dizer – a realização da proposição como enunciado – torna possível.

Sem omitir a polêmica em torno da autonomia do verbal e do não verbal, particularizo, inicialmente, minhas discussões, restringindo-as, num primeiro momento, a uma breve observação sobre a linguagem verbal e, mais especificamente, sobre a produção e a leitura do texto falado ou escrito.

Para esta breve discussão, tomo o confronto de perspectivas postas no texto como ponto de partida do processo de leitura. Destaca-se, de saída, o fato de que, nesse tipo de concepção de leitura, ler não se confunde com simplesmente decodificar. Bem ao contrário, ler é estabelecer uma relação polêmica com as representações socialmente construídas sobre os participantes do processo de leitura, incluída a relação com o tema abordado, com o próprio texto, seu suporte e o gênero discursivo ao qual é possível remeter sua existência. Em outras palavras, no processo de leitura se buscaria a identificação da alteridade no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), e é nesse sentido que afirmo que a leitura se realiza como confronto de perspectivas.

A se considerar a validade dessa afirmação, pode-se dizer que, no processo de leitura, se estabelece uma relação dialógica entre o leitor e a autoria que ele atribui ao texto, não só a relação entre o leitor e o autor legalmente imputável – o que produz, assina e se responsabiliza juridicamente pelo texto –, mas, também, a relação entre o leitor e a autoria que se pode detectar nas diferentes vozes organizadas em torno da figura do autor, as quais se materializam no *efeito dialógico* das práticas sociais e se representam *monofônica* ou *polifonicamente*⁴ no discurso. Como se vê, a noção de autoria utilizada neste trabalho parte da de Foucault (1971) para pensar – tanto em termos de leitura como em termos de produção do texto – num autor constituído pelas práticas sociais e discursivas de que participa. Isso, de tal modo que a sua imputabilidade é, apenas, mais uma das conseqüências de sua inclusão nessas práticas, e não somente um índice de sua existência corpórea, já que, para que ele se enuncie como autor, é preciso que estabeleça uma relação com o outro – seu leitor previsto – e, portanto, que se instaure como uma figura textual situada no espaço incorpóreo do intervalo entre aquele que escreve e aquele que lê.

No que se refere à construção do texto, penso que ela não se dá pela “formalização [lógica] de conteúdos de pensamento”, nem pode ser engendrada por puras formas, “munidas de propriedades como a univocidade e a não-ambigüidade” (CORRÊA, 1992, p. 27). Não basta, além disso, uma perspectiva “intelectualista acerca do texto e de sua leitura e produção” (id., ib.). Isso, porque nem sua leitura nem sua produção acontecem por efeito de uma simples ação intelectual do leitor ou de um autor individualmente considerados. Se assim fosse, o texto poderia ser visto como um objeto definível apenas e tão-somente por sua articulação lógica.

Tampouco se pode pensar em leitura e produção do texto apenas em função de um conhecimento de mundo que, mobilizado no momento requerido, pudesse – em qualquer desses dois momentos – dar conta, por si só, da construção dos sentidos do texto. Portanto, nem a recorrência a esses saberes (socio)cognitivos, nem a descrição objetiva dos lugares sociais de produção e de leitura do texto resolvem a questão da atribuição de sentido ao texto. Analogamente, também a caracterização de uma autoria individual por meio de traços sociais claramente definíveis não assegura exatidão, validade, precisão ou qualquer outra forma de acabamento do sentido do texto. Conseqüentemente, as práticas de leitura e escrita podem ser vistas, também, como ação sobre o outro e sobre o mundo – fato que as historiciza e que as situa para além do plano cognitivo do indivíduo ou da sua dimensão social estrita.

No caso da leitura, a descrição objetiva dos lugares sociais do autor não é indicador seguro de um caminho que, se seguido pelo leitor, lhe permitiria chegar ao “cálculo” exato do sentido do texto. Se o texto é construído por meio do confronto de perspectivas e se a leitura pode incluir a imposição de novas perspectivas trazidas pelo leitor, as quais podem refratar os sentidos previstos e produzir novas configurações de sentido para o texto, não se pode ir muito mais longe do que dizer que, no processo de leitura, o leitor, ao reconhecer, a seu modo, o processo de produção atualizado pelo texto, projeta – para além do autor juridicamente imputável – uma autoria para o texto e, a partir do diálogo com ela, produz a sua leitura.

Do mesmo modo, o autor material de um texto sempre prevê um leitor⁵, que está presente mesmo naqueles textos escolares que redundam, quase que involuntariamente, numa conversa com o professor⁶. Sempre há, pois, réplica do autor a um destinatário e, ligados a essa réplica, diferentes modos de emergência do destinatário no texto. Sem a pretensão de exaustividade, podem-se enumerar dentre esses modos de emergência: o do destinatário suposto como presente (como numa conversação face a face); o do destinatário construído como ausente, mas de algum modo identificado no texto; e, finalmente, o do destinatário que, moldado por uma determinada seleção de argumentos, voluntária ou involuntariamente distancia-se daquele que aparece nominalmente expresso, de modo a se constituir como um interlocutor diferente do nomeado e/ou projetado no texto.

Em função dessas diferentes possibilidades dialógicas, os efeitos de sentido do texto são produzidos, também, em função do modo como o leitor mobiliza os seus contatos anteriores com práticas de leitura e escrita, estabelecendo-se, porém, uma relação que ultrapassa em muito a simples dicotomia entre o conhecido e o por conhecer. As hipóteses sobre os sentidos possíveis são feitas com base na relação que o leitor estabelece com a autoria do texto. Desse modo, as vozes que detecta, a partir dessa relação dialógica, são não apenas as que já “ouviu” ou “leu”, mas, também, aquelas com que toma contato no momento da leitura e aquelas cuja existência pode, também, antecipar.

Embora tenha apresentado essas observações como relativas à linguagem verbal, lembro que a mesma complexidade está presente na chamada

linguagem não verbal e, naturalmente, também naqueles textos produzidos com base na combinação entre o verbal e o não verbal. Neste ponto, dirijo minhas observações sobre leitura e escrita a textos do campo da Comunicação, mais especificamente, a textos cujo modo de produção combina o verbal e o não verbal, como no caso particular da composição entre fotografia e legenda, que passo, neste ponto, a explorar.

O verbal e o não verbal como um problema de leitura e de produção do texto

Apesar das especificidades que os caracterizam, o verbal e o não verbal não são dois modos antagônicos de produção de significação. Está cada vez mais clara para o lingüista, ocupado com os chamados problemas do verbal, a necessidade de voltar-se para a análise e a consideração do papel do elemento não-verbal na comunicação efetuada por meio da palavra. Por sua vez, é também imperiosa para os estudiosos do não verbal a consideração do papel da palavra em tipos de comunicação que, embora não a utilizem como recurso primeiro, tomam-na como elemento participante da significação.

Tomemos o caso da comunicação visual, mais especificamente, o caso do fotojornalismo. Desse campo do jornalismo, interessa refletir sobre os textos semioticamente híbridos, compostos por fotografia e legenda, em que se juntam o fotográfico (o não verbal) e o gráfico-escrito (o verbal) para a construção de um novo texto.

No texto composto por fotografia e legenda, a relação entre o verbal e o não verbal vem, do ponto de vista dos efeitos de sentido produzidos, freqüentemente, marcada por um curioso efeito de literalidade (POSSENTI, 2002) na descrição verbal das ações registradas pela imagem. É verdade que nem todos os leitores se dão conta desse efeito nem se surpreendem com as legendas – aparentemente literais – que interpretam as fotos dos principais jornais do mundo inteiro, como na legenda da foto da agência France Presse abaixo, reproduzida pela Folha de S. Paulo de 06/05/2006:

Figura 1: Chávez e Morales



Fonte: Javier Mamani / France Press

Nessa aparente tendência à literalidade da legenda, há, pode-se dizer, uma também aparente subordinação do verbal ao não-verbal, por meio da qual o texto escrito parece estar a serviço de uma simples descrição da cena – talvez melhor definida como narrativa visual – presente na fotografia. Para o leitor mais atento, porém, esse tipo de legenda, que identifica os fatos e suas personagens, pode ser bastante surpreendente, indo do francamente interpretativo (já então não literal) ao até mesmo irônico, ainda que pela via da descrição literal.

Disso, conclui-se que o efeito de literalidade depende de como autor e leitor, cada um a seu tempo, se relacionam entre si e se situam em relação ao texto, tomado este último como parte de um processo discursivo. Não basta, portanto, para caracterizar o efeito de literalidade, simplesmente, reconhecer na legenda o emprego supostamente “não conotativo” das palavras. Encarar a relação entre legenda e fotografia como um novo recorte textual no processo discursivo e situá-la nesse processo são, de fato, as ações de leitura que permitem propor efeitos de sentido para essa composição textual, sejam eles quais forem (de literalidade, de redundância etc.).

No caso da foto acima, embora a apresentação dos dois presidentes e a indicação de sua posição na foto – esquerda e direita – sejam informações relevantes, pois se supõe que nem todos os leitores conhecem as personagens da notícia, a ação de se cumprimentarem repete o que já se identifica na foto. À primeira vista, o leitor

prescindiria dessa informação na legenda, já que é, precisamente, um cumprimento o que se vê na foto⁷. Os dados lingüísticos que descrevem essa ação poderiam, portanto, ser considerados como uma tradução absolutamente literal da cena mostrada na foto. No entanto, se considerados o conflito⁸ entre Brasil e Bolívia e o apoio que o governo da Bolívia recebeu de Hugo Chávez, presidente da Venezuela, tal descrição do ato de cumprimentar deixa de valer pela literalidade e passa a valer, justamente, pelo sentido que a redundância acrescenta à história que a fotografia conta. Muito mais do que uma simples descrição, pode-se ler nessa legenda um comentário sobre o tipo de aliança que um tal cumprimento sela e, também, sobre o posicionamento do presidente da Venezuela em relação ao conflito.

Nessas condições, pensar no caso da narrativa visual da fotografia acompanhada de legenda – esta última contendo, por sua vez, descrição de pessoas, lugares, épocas, ações e situações – é pensar não apenas numa articulação entre o olhar do fotógrafo e o olhar que aprecia a foto como produto final (o leitor do jornal), mas na consideração da composição textual como um todo, o que inclui, naturalmente, a própria notícia (ou comentário), que compõe com a foto legendada a matéria completa do jornalista. Esse conjunto textual ganha sentidos, por sua vez, também do enquadramento que recebe, ou seja, o lugar que ocupa em relação a outros textos numa dada página (diagramação). Nota-se, desse modo, a complexidade dessa autoria, a qual é passível de diferentes modos de identificação no processo da leitura. Vale lembrar, somente a título de observação, que a legenda pode ser de responsabilidade de outra instância de edição do jornal que não a do fotógrafo, seja ela a do próprio editor, a do chefe de redação de uma dada seção, a do revisor de redação ou mesmo a do jornalista responsável pela matéria a que se liga diretamente a fotografia. Nesse sentido, pode-se dizer que é a instância de edição que rege o conjunto textual foto/legenda/matéria.

Pode-se, pois, concluir que é bastante possível que a interpretação de uma legenda se torne menos “literal” por ocasião de uma releitura que seja feita após a leitura integral da matéria a que a composição textual foto/legenda está ligada. Por isso, é importante relativizar a determinação do verbal pelo não verbal no que se refere à leitura do efeito de literalidade na legenda.

Um último ponto para reflexão: regra de gênero na produção e leitura do texto

Dentre os vários perigos que uma boa foto corre ao ser remetida a uma legenda, o principal deles é, talvez, o de essa articulação desobedecer a uma regra que, em Bakhtin (1992), poderia ser chamada regra de “gênero discursivo”.

Se, por exemplo, o fotógrafo consegue um resultado técnico e artístico importante do ponto de vista de uma narrativa por meio da imagem, mas o responsável pela matéria (ou pela sua edição) não chega a ultrapassar um tom didático ao propor uma legenda, fotos de qualidade artística do gênero “narrativa visual” podem ser prejudicadas pela formulação verbal da legenda, uma vez que o tom didático caberia melhor, talvez, para um outro tipo de gênero, por exemplo, o da “ilustração”.

A razão é simples: uma foto que registra uma narrativa visual tem um caráter diferente daquela que serve simplesmente à ilustração. Esta última particulariza, do ponto de vista da narrativa pela imagem, o que de algum modo já está verbalmente explicitado na matéria. Há, pois, nesse caso, uma tendência ao fechamento do horizonte interpretativo.

O gênero narrativa visual, ao contrário, ao eleger um ponto arbitrário para começar a narrativa e ao interrompê-la num ponto de acabamento também arbitrário, lida com a mobilidade do horizonte interpretativo, cuja busca é deixada ao leitor. Abre-se, portanto, à sua interpretação.

Um equívoco no tom pode, portanto, produzir uma relação de dominância entre a foto e a legenda de modo a subordinar a interpretação do não verbal (da foto) ao verbal (à legenda), podendo, mesmo, acarretar uma leitura **para menos** da própria qualidade da foto.

Esse fato mostra a importância da combinação do verbal e do não verbal no fotojornalismo e dá indicações sobre os tipos de leitura ligados a certos procedimentos de composição do gênero, o que permite reafirmar que a relação entre o verbal e o não verbal envolve uma questão complexa de leitura e de produção do texto.

A título de conclusão

Retomando a questão que deu origem a este texto, como fazer, finalmente, para recortar, elaborar e interpretar a legenda para que ela se articule com o recorte fotográfico de uma narrativa visual?

Emulando a linguagem do fotógrafo, pode-se dizer que é preciso controlar a abertura da lente na escolha das palavras (não dizer o óbvio – ou dizê-lo com uma função determinada –, nem propor um sentido enigmático), sabendo manter a distância entre as palavras e a imagem que interpretam (saber lidar com a literalidade e a sugestão de sentidos) e entre as palavras e o leitor para quem são dirigidas (saber lidar com a continuidade e a ruptura narrativas e com o conhecido e o novo para o leitor).

Todos esses procedimentos são, naturalmente, procedimentos de edição e, embora não se defenda aqui qualquer possibilidade de controle dos sentidos, deles e do próprio efeito da enunciação de sua escolha – modo de encontro entre produtor e leitor do texto – dependem os efeitos de sentido produzidos.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas (SP), 1990, v. 19, p. 25-42.
- AVANCINI, A. *Festa popular em brancos e pretos*: formas de fazer ver a Lavagem do Senhor do Bonfim da Bahia. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação defendida junto à ECA-USP, 2004.
- _____. *Atílio Avancini*. São Paulo : EDUSP, 2006.(Série Artistas da USP 15).
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- BARROS, D.L.P. DE Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D.L.P. DE & FIORIN, J.L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin. São Paulo : EDUSP, 1994, p. 1-9.
- CORRÊA, M.L.G. Da leitura à produção do texto: uma modalidade de ensino de redação. Revista Alfa - *O texto: leitura e tradução*. São Paulo: 1992, vol. 36, p. 25-38.
- _____. Variação lingüística: qual o seu limite na prática da leitura? Revista *Estudos Lingüísticos*. São Paulo, 2000, v. 29, p. 516-521.
- _____. *Linguagem e comunicação social*: visões da lingüística moderna. São Paulo : Parábola, 2003.
- ECO, U. *Lector in fabula*: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo :

Perspectiva, 1986 : 1979.

FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris : Gallimard, 1971.

GERALDI, J.W. (org.) *O texto na sala de aula*: leitura e produção. 8ed. Cascavel (PR) : ASSOESTE, 1984.

_____. *Linguagem e ensino*: exercícios de militância e divulgação. Campinas (SP) : Mercado de Letras – ALB, 1996.

POSSENTI, S. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: *Os limites do discurso*. Curitiba (PR) : Criar Edições Ltda., 2002, p. 167-186.

Notas

¹ O estímulo inicial para a produção deste texto foi uma consulta feita pelo Prof. Dr. Atilio Avancini, pesquisador em Fotojornalismo da ECA-USP, durante seu período de estudos junto à Université Stendhal Grenoble 3 (França), sob a direção do professor Bernard Miège, em maio/2003. A questão de partida foi: Como “formatar” um trabalho em que haja uma valorização mútua das linguagens verbal e não verbal? Como ambas podem se tornar valorizadas? Isso dentro de uma narrativa visual que tenha como meta o percurso de uma festa como, por exemplo, a festa da Lavagem do Senhor do Bonfim.

² Em Corrêa (2003), tomando por base questões lingüístico-pragmáticas levantadas pelos estudos da língua em uso, esboço um questionamento acerca da separação entre o verbal e o não verbal.

³ Sobre efeitos monofônicos e polifônicos, conferir a formulação de Barros (1994, p. 6), feita com base em Bakhtin.

⁴ No sentido dado por Eco(1986 ,1979, p. 39), ao afirmar que *o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo*.

⁵Conferir a formulação original (e mais precisa) em Geraldi (1984).

⁶ Também a informação sobre o “encontro em La Paz” poderia ser considerada dispensável se se considerar o todo da matéria jornalística de que essa foto faz parte.

⁷ O conflito refere-se ao fato de que, dias antes dessa notícia, o então recém-empossado presidente Evo Morales nacionalizara o gás boliviano e ordenara a ocupação pelo Exército dos campos de produção das empresas estrangeiras no país, entre elas a estatal brasileira Petrobrás.